

EDUCAÇÕES E O CURURU NA CULTURA MATOGROSSENSE

Dulcina Francieli de Campos

Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira

Introdução

Apresentamos neste texto uma reflexão que envolve um dos objetivos do projeto de pesquisa que se encontra em desenvolvimento, o mesmo se intitula “Cururueiros em Cáceres: Educação, Cultura e Religiosidade”. O objetivo a que nos referimos direciona-se a analisar como professores/as da Escola Municipal Rodrigues Fontes trabalham com “temas contemporâneos” em sala de aula, sobretudo, com a cultura local.

Compreendemos que este objetivo tem se constituído como um indicador importante na leitura da cultura local, em relação a expressão do cururu, como também identificação de pessoas que estão envolvidas com a organização da reza-festa de São Gonçalo, afinal de contas, essa escola se localiza em um bairro da cidade de Cáceres-Mato Grosso. O bairro cavallhada, espaço que abriga a igreja São Gonçalo, é lugar onde se promove um evento festivo, de tradição e da cultura popular, com missa e ritual popular sob o comando dos cantadores, que são os cururueiros.

O envolvimento de professores/as ainda que de forma direta se faz presente porque sabemos que a Lei complementar nº 49, de 1º de outubro de 1998, orienta no seu título II, Art. 3º, inciso XIII que faz parte dos princípios da educação escolar do estado de Mato Grosso, a valorização da cultura local. E como valorizá-la pedagogicamente, sem conhecer a realidade atual?

A textualidade acima nos leva a refletir a uma forma didático-pedagógica da inclusão da cultura local na escola, ou seja, uma educação mediatizada pelo conhecimento sistematizado dentro dos preceitos escolares, ainda que com todas as marcas da educação popular. Dessa maneira, nesta pesquisa, os professores/as são mobilizadores e colaboradores para contribuir com a identificação de famílias que participam nos festejos a São Gonçalo, bem como, possibilitar a interpretação de como a educação escolarizada

1. Dulcina Francieli de Campos, professora municipal mestranda do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO PPGedu da Universidade do Estado de Mato Grosso. email: Dulcina.francieli@unemat.br
2. Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira, Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil (2014) Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil. Email: waldineiaferreira@unemat.br

imersa neste contexto se posiciona em relação à cultura local. Portanto, o lugar da educação escolarizada na pesquisa assume o espaço curricular acerca da diversidade e da própria cultura Matogrossense.

Trata-se de trabalho ancorado na pesquisa qualitativa, etnográfica a partir das compreensões de Geertz (1989) por buscar interpretar a cultura, seus significados e as teias que conectam na reza-festa com a participação e a forma de participação dos cururueiros. Dentro da abordagem fenomenológica, a finalidade é sentir pelas entranhas do corpo em pesquisa a ‘essência’ do cururu nas expressões culturais e de religiosidade. De acordo com Edmund Husserl, (1990), a fenomenologia é “um método que sustenta o processo do conhecimento essencialista. Ela é o "caminho”, pelo qual tem por finalidade a constituição da ciência da essência do conhecimento ou doutrina universal das essências.

Compõem ainda este estudo, pesquisa bibliográfica, observações e entrevistas, as observações são realizadas na atuação dos cururueiros enquanto realizam rezas-cantos em festas. Propor uma pesquisa sobre a expressão cultural do Cururu a partir da religiosidade Mato-grossense, é pensar na história e nas memórias, é considerar que essas expressões/vivências culturais constituem identidades de famílias locais, é, portanto, fazer o estudo do contexto cultural local.

Desenvolvimento

Educação Popular reconhecimento de uma dimensionalidade decolonial no Cururu

À medida que nos aproximamos da manifestação cultural, da crença, religiosidade e organização da participação dos cururueiros nas Festas de Santo, mediatizamos um pensamento que se assenta em dois pilares o primeiro as características do grupo, ou seja, homens velhos e, o segundo é que eles são tocadores de instrumentos musicais nas Festas de Santo, como o ganzá e a viola de cocho. A viola de cocho é o instrumento principal na roda de cururu, os demais instrumentos são acompanhantes dos acordes musicais. Trata-se de um instrumento decolonizado, pois, é uma reinvenção Matogrossense. Há escritos que o instrumento tem origem Árabe, mas como está hoje no estado de Mato Grosso,

1. Dulcina Francieli de Campos, professora municipal mestranda do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO PPGedu da Universidade do Estado de Mato Grosso. email: Dulcina.francieli@unemat.br
2. Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira, Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil (2014) Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil. Email: waldineiaferreira@unemat.br

pode se afirmar que “[...] a viola de cocho assumiu as características atuais adaptando materiais de acordo com a disponibilidade fornecida pelo meio ambiente pantaneiro” (Correa e Borges, s/a, p.335). É um instrumento de cinco cordas construídos pelos próprios cururueiros, ou seja, um conhecimento artesanal, que compõem um saber de um grupo específico.

Em Cáceres-MT, há a presença desse grupo de cantadores específicos da tradição, os cururueiros, e compreendemos que reconhecer essa presença, e, a manutenção desse grupo na reinvenção cotidiana para se manter viva durante séculos, é um movimento descolonizante, que se dá em versos e cantos cantados sob os acordes da viola de cocho. Desta forma, produzindo uma educação popular de cunho cultural-religioso em que essas cantorias significam a vida coletiva daqueles que irmanados proferem a fé no sagrado e no profano.

A existência desse grupo que é secular, se manteve silenciado, escondido socialmente por muito tempo, pois, não se enquadrava nos ideários sociais dos requintes de uma sociedade colonizada pela Europa. Afinal de contas, conforme pesquisas esse grupo foi sendo formado com elementos advindo da composição também indígena e negra. Historicamente, foi um grupo colocado a margem, pois conforme relata Ferreira (2017) foi/é uma cultura praticada pela população pobre, classificada pelos portugueses da época como extravagante divertimento que se dava após a dança dos bugres, os indígenas, homens que tocavam um cocho, com versos improvisados, dançando durante uma noite toda sempre regrado a cachaça, mas ainda assim festejando algum santo cantando e dançando com frenesi.

Os olhares europeizados para esta manifestação cultural, demonstra a força da violência colonial propugnada pelo Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C) ao demonstrar teoricamente que o continente latino-americano foi o primeiro espaço que vivenciou a violência colonial. “[...] um esquema colonial/imperial moderno, ainda no final do século XV, dentro de um Sistema-Mundo capitalista que hierarquizou e dividiu geopoliticamente o mundo pela primeira vez na história, partindo de uma posição eurocêntrica (BALLESTRIN, 2013, p. 103). Um esquema em que a organização de grupos outros, e, culturas outras são inferiores as europeias.

1. Dulcina Francieli de Campos, professora municipal mestranda do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO PPGedu da Universidade do Estado de Mato Grosso. email: Dulcina.francieli@unemat.br
2. Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira, Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil (2014) Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil. Email: waldineiaferreira@unemat.br

A colonialidade, desde quando surgiu, gerou o seu oposto: a decolonialidade, isto é, um projeto que busca subverter os padrões de poder herdados da modernidade. Uma subversão que se dá também no campo da cultura. Segundo Mignolo (2008, p. 246)

O projeto decolonial passa, necessariamente, pela escolha de uma opção decolonial por parte do sujeito que expressa, através de sua práxis, o desprendimento e a abertura necessária para encontrar possibilidades de conhecimentos, memórias e histórias que foram encobertas (como não-saberes) e depreciadas pela colonialidade ou estigmatizadas como conhecimentos bárbaros, primitivos, míticos e supersticiosos.

Na verdade, a “opção decolonial” exige que os indivíduos se dediquem a desconstruir as estruturas coloniais ainda existentes na sociedade, rejeitando perspectivas tradicionais que menosprezam conhecimentos não ocidentais.

De acordo com Torres (2008, p.63)

O pensamento decolonial, desta forma, alimenta-se do que foi negado pela colonialidade e das experiências vividas por sujeitos que foram desumanizados nos territórios onde sofreram com o processo de submissão colonial. Por isto, é uma teoria que convida o sujeito a adotar uma postura não somente epistemológica, mas ético-política, denominada de atitude decolonial.

Desse modo percebemos que essa teoria estimula o indivíduo a adotar uma postura que não é apenas de conhecimento, mas também ética e política, conhecida como atitude decolonial.

Diante disso podemos entender que a prática do cururu sempre foi vista como um saber, uma cultura encoberta por estar fora dos padrões dos eurocentrados e nossos personagens principais os cururueiros de acordo com De Sena (2021, p.2).

1. Dulcina Francieli de Campos, professora municipal mestranda do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO PPGedu da Universidade do Estado de Mato Grosso. email: Dulcina.francieli@unemat.br
2. Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira, Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil (2014) Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil. Email: waldineiaferreira@unemat.br

São chamados de cururueiros homens que possuem conhecimento e prática na confecção e/ou manuseio da viola-de-cocho, do ganzá (reco-reco de taquara) e/ou do mocho (banco com assento de couro tocado com baquetas de madeira), podendo também produzir toadas (músicas), tocar e/ou cantar o cururu e o siriri. Esses dois gêneros são tradicionais em alguns municípios dos estados de Mato Grosso (MT) e Mato Grosso do Sul (MS), e do médio Tietê paulista.

Nesse contexto compreendemos que a prática do cururu é uma manifestação cultural tradicional, é considerada um tipo de conhecimento que foi historicamente marginalizado. Essa marginalização ocorre porque o cururu não se encaixa nos padrões culturais predominantes do eurocentrismo, que valoriza tradições e formas de expressão originárias da Europa. Sofreram e ainda sofrem com posicionamentos colonizadores que estão arraigados na sociedade,

A marginalização do cururu representa um reflexo dos impactos coloniais, onde as culturas indígenas e afro-brasileiras foram subjugadas e desvalorizadas, levando a uma invisibilização de seus saberes e tradições. Os "cururueiros", como portadores dessa cultura, enfrentam ainda hoje preconceitos e desdém em relação às suas práticas, que são vistas como inferiores ou menos legítimas.

No entanto, a referência à "visão decolonizadora" sugere uma mudança de perspectiva. Essa abordagem busca reconhecer e valorizar as culturas não-europeias, promovendo a diversidade cultural e resgatando o valor das práticas tradicionais como o cururu. Assim, essa visão propõe um reconhecimento das identidades e saberes locais, de uma educação popular que desafia a hegemonia eurocêntrica, abrindo espaço para a valorização da pluralidade cultural. Essa mudança é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde todas as vozes e tradições têm seu devido lugar.

1. Dulcina Francieli de Campos, professora municipal mestranda do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO PPGedu da Universidade do Estado de Mato Grosso. email: Dulcina.francieli@unemat.br
2. Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira, Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil (2014) Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil. Email: waldineiaferreira@unemat.br

Como nos ensina Brandão (2002, 2006) não existe apenas um único tipo de educação e não se aprende apenas na escola. Há educações, e entre elas a educação popular, que também pode e se faz presente dentro das escolas quando se valoriza os diferentes saberes da cotidianidade e também das culturas dos educandos. Ou seja, quando mencionamos a educação popular estamos pensando em práticas que são regidas pela diferença, pelas culturas, sendo um saber da comunidade. A primeira educação popular está ancorada nas aprendizagens das vivências, que também são aprendidos nos ritos sagrados como nos rituais, composição e organização das rezas-festas e, o lugar do cururueiros dentro dessa organicidade. Portanto, o Cururu, a sua permanência sociocultural, os significados constituem um processo decolonial de estar sendo dentro da cultura Matogrossense.

Considerações finais:

Conclui-se, nesta reflexão em pesquisa que é de extrema relevância que o cururu seja compreendido como uma forma de educação popular mediada pela descolonização, pois as lentes que estamos usando estão ancoradas em uma percepção em que o cururu se constituiu e está inserindo geracionalmente com uma educação popular. Ainda como educação popular produz-se e reconhece-se seu papel crucial na construção de uma identidade cultural, na resistência contra a opressão colonial e na promoção de um aprendizado que valoriza as experiências e as perspectivas locais.

Este estudo pode fortalecer a prática cultural dos cururueiros, na perspectiva da valorização de um saber simbólico e tradicional, e ainda possibilitar reflexões educativas escolarizadas orientando o desenvolvimento do trabalho com a diversidade cultural e a valorização da cultura local, tanto na educação popular quanto na educação escolarizada.

Palavras- Chaves: Cultura, Educação. Educação Popular.

REFERÊNCIAS

1. Dulcina Francieli de Campos, professora municipal mestranda do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO PPgedu da Universidade do Estado de Mato Grosso. email: Dulcina.francieli@unemat.br
2. Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira, Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil (2014) Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil. Email: waldineiaferreira@unemat.br

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial, **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Educação Popular**. Volume 318. São Paulo: Coleção Primeiros Passos; Editora. Brasiliense, 2006.

CORREA, Antenor Ferreira e BORGES, Clóvis. **Viola de cocho: Da tradição pantaneira a patrimônio imaterial brasileiro**. Portal Periódicos Udesc. Disponível: <https://www.revistas.udesc.br>. Acessado em: 04 de out. 2024.

DE SENA, Divino Marcos. "**Cururueiros no Pantanal sul-mato-grossense**." Revista Brasileira de História & Ciências Sociais 13.26 (2001)

FERREIRA, Marta Martines. Cururu e Siriri: entre naturalistas, viajantes e folcloristas. **ACENO, Revista de Antropologia do Centro Oeste**. Vol. 4, N. 8, p. 180-204. Ago. a dez. de 2017. ISSN: 2358-5587. Disponível: <https://periodicoscientificos.ufmt.br>. Acesso em 04 de out.2024.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1989.

HUSSERL, Edmund. **A Ideia da Fenomenologia**. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1990.

MIGNOLO, Walder, D. **A opção decolonial: desprendimento e abertura. Um manifesto e um caso**. Tabula Rasa. Bogotá - Colombia, No.8: 243-281, enero-junio, 2008. Disponível: <http://www.scielo.org>. Acesso em 26 de set. 2024.

1. Dulcina Francieli de Campos, professora municipal mestranda do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO PPgedu da Universidade do Estado de Mato Grosso.email:Dulcina.francieli@unemat.br
2. Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira ,Doutorado em Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil(2014)Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso , Brasil. Email:waldineiaferreira@unemat.br

MALDONADO-TORRES, Nelson. **La descolonización y el giro des-colonial**. Tabula Rasa. Bogotá - Colombia, No.9: 61-72, julio-diciembre 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/396/39600905.pdf>. Acesso em 26 de set. 2024.

1. Dulcina Francieli de Campos, professora municipal mestranda do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO PPGeu da Universidade do Estado de Mato Grosso. email: Dulcina.francieli@unemat.br
2. Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira, Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil (2014) Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil. Email: waldineiaferreira@unemat.br